

6

Discurso na visita ao assentamento Cauassu

ACARAÚ, CE, 21 DE JANEIRO DE 2000

Quero cumprimentar a todos aqui, ao nosso Governador, Ministro, Vavá, todas as Senhoras e Senhores aqui presentes, ao Benedito, Dona Wanda Engel, ao Senhor Secretário e dizer da minha satisfação de estar aqui. Eu me recordei, neste momento, enquanto o Vavá falava aqui que, quando muitos de vocês não haviam nascido, inclusive o Governador Tasso, em 1962 ou 1963, eu fui à terra do nosso Ministro Raul Jungmann, porque havia ali um movimento de reforma agrária.

Naquela época, havia um líder lá, chamado Francisco Julião. Fui na companhia do Professor Leôncio Martins Rodrigues, colega do Doutor Martins, que aqui está também, visitar uma área ocupada. Chamava-se Engenho da Galiléia. Era uma luta inicial e forte pela reforma agrária. São 40 anos. Claro que a reforma agrária tem uma luta anterior a isso – estou dizendo da minha experiência. Fui lá visitar e apoiar, naquele momento, esse movimento pela reforma agrária.

Então, assim que pude ter alguma influência no Brasil, depois de Presidente da República, me preocupei muito com a questão da reforma agrária. O Governador Tasso disse umas palavras que são justas, a respeito do Ministro Raul Jungmann. Porque foi nele que encontrei,

realmente, o ponto de apoio para a briga política para ser possível levar adiante a transformação da situação do campo no Brasil.

E é claro que, quando se encontra um governador como o Tasso, uma situação política como a do Ceará, tudo facilita, porque há uma concordância de pontos de vista. Estamos fazendo um grande esforço. E, no começo, esse esforço foi feito através do projeto, digamos, mais tradicional de fazer a reforma agrária: desapropria a terra, depois vai para a Justiça. O sujeito que vendeu a terra quer ganhar dinheiro demais. Muitas vezes, há corrupção. Faz-se lá uma avaliação mais alta do que o valor da terra. Leva muito tempo. O pessoal se impacienta, ocupa a terra. Vem o dono da terra, quer desocupar a terra, chama a polícia. Esse processo complexo de poder. Terra ruim, em geral, chamada não produtiva. É um processo difícil fazer avançar a reforma agrária.

Ainda assim, conseguimos assentar 380 e poucas mil famílias, nesses meus cinco anos de governo. Isso é mais, bastante mais, do que tudo que foi feito desde que começou o processo, há 30 anos. Agora, precisamos fazer mais. E o processo tradicional, que vai continuar porque, em certas áreas, é preciso que haja desapropriação, é preciso que haja assentamento, da maneira tradicional, é mais caro, a terra nem sempre é boa, ele é mais demorado, ele provoca mais conflito.

Daí a importância dessa experiência aqui, do Ceará, e dessa experiência que estamos levando para todo o Brasil, que começou chamando-se Cédula da Terra, agora é Reforma Agrária Solidária. O Banco da Terra, que é um recurso pelo qual se consegue dar o dinheiro necessário, para dar o ponto de partida, para que as pessoas tenham aquilo que o Vavá disse que todo agricultor sem terra quer: um pedaço de terra. E acabando, progressivamente, com a meia, acabando, progressivamente, com essas outras formas de exploração da terra – que, aqui, são feitas essas formas sem que quem trabalha, mesmo, seja proprietário da terra.

Eu mesmo me surpreendi com a velocidade disso. Esse projeto tem pouco mais de dois anos. Dois anos e meio. Então, é muito pouco tempo, e já estão os resultados aí. Só no Ceará já são milha-

res de famílias atendidas. No Brasil, são 20 e poucas mil famílias atendidas por esse tipo de projeto, que permite aquilo que nós vimos aqui: a organização autônoma dos trabalhadores, a negociação que o próprio trabalhador faz para ser proprietário, a vontade que ele tem de trabalhar mais e poder ter mais recursos. Então, é muito importante.

Agora, não adianta ter só a terra. Tem que ter a semente, os utensílios, a assistência técnica. E é essa a grande mudança que estamos, agora, propiciando, começando com mais ênfase, mais força, no Brasil. Esse é um exemplo. Daí que seja necessário primeiro o que foi visto agora, aqui: o Pronaf. O que que é Pronaf? O Pronaf é um crédito para o pequeno proprietário. Não existia. Nós o criamos quando vim para a Presidência. Hoje, este ano, temos 3 bilhões e 400 milhões de reais para o Pronaf, que é para distribuir em todo o Brasil, para dar acesso ao crédito, ao financiamento da produção, ao custeio, ao investimento, etc., com prazo de carência, com rebate na taxa de juros. Enfim, com condições que permitam esperar a produção para que ela, então, depois, seja vendida, para se pagar o que se deve. E tem que se pagar o que se deve para ser emancipado, porque a pessoa não quer ficar na condição de ficar a vida inteira pedindo dinheiro ao governo, quer que o governo crie as condições para não precisar pedir dinheiro, para ter dinheiro para, na própria produção, gerar o seu dinheiro.

Agora, estamos dando outros passos mais. Não basta ter o Pronaf, não basta ter o Banco da Terra, a Reforma Agrária Solidária. É preciso que haja educação, que haja saúde. Então, a Secretaria de Assistência Social tem uma série de programas que vão se juntar a isso, para que possamos tirar as crianças do trabalho. Mesmo quando o trabalho seja da família – porque sei que é tradicional no Brasil que a criança ajude a família – não é o melhor. O melhor é que a família não precise da ajuda das crianças, para que a criança possa estar na escola.

Isso não se consegue, senão juntando esforço, para que vários programas de governo possam atuar em conjunto. E também não

se consegue se não houver organização de parte daqueles que são os trabalhadores, para poder fazer o que foi feito, agora, aqui: reclamar. “Não, mas não chegou o Pronaf aqui, não-sei-o-que-lá...” Acaba chegando. Dessa vez, veio rápido demais. Fiquei até preocupado se estava preparado, mas a verdade é essa mesmo, isto é, se não houver também essa iniciativa, a capacidade de luta, não se avança. Não é um programa para o governo fazer as coisas. É um programa para que o próprio cidadão e a cidadã façam o que eles querem fazer. O governo tem é que arranjar condições melhores para que isso possa ocorrer, para que isso possa acontecer.

Falta muito. O Brasil é imenso. Temos ainda milhões de pessoas que precisam ter acesso à terra. Não sei quantos. Também é difícil avaliar, mas já caminhamos. Caminhamos e, em relativamente pouco tempo, fizemos muita coisa. Insuficiente, diante do que se necessita, mas o suficiente para dar confiança, coragem e determinação para que as coisas continuem avançando na boa direção.

É isso que estamos aqui vendo. E já foi dito que muitas pessoas vieram aqui verificar essa experiência. É um bom sinal, mas é sinal, ainda, que chama a atenção. Bom mesmo vai ser o dia em que não vai ser preciso vir visitante nenhum, porque todo mundo no Brasil já estará atendido de uma maneira adequada, e que, portanto, será normal que o trabalhador tenha acesso à terra, que o crédito exista, que os filhos tenham escola, que tenham melhor saúde. É para isso que estamos trabalhando.

Vim aqui, portanto, para ver, para ver diretamente, ver para crer, como São Tomé. Eu já acreditava antes. De qualquer maneira, é sempre muito melhor a gente ver diretamente como são as coisas, ver a força que está representada por vocês aqui, para a gente mesmo ter mais confiança no caminho que estamos levando adiante.

Aquilo que está escrito ali é certo: “A união do Governo Federal, estadual e municipal e comunidade mudou a nossa vida”; “Sem solidariedade não se avança.” Se apenas jogarmos pedras uns nos outros, vamos nos ferir. O mais forte vai ferir o mais fraco. Não vai resolver nada. Se, em vez de jogar pedra, nós nos juntarmos

para discutir e para ver o que dá para fazer, o que é possível fazer, quais são as condições, aí, avançamos. Então, é isto: precisamos de solidariedade. Não é uma palavra para enganar. Não é para dizer que sem briga se consegue tudo. Não. Vai ter que brigar. Mas é preciso que se tenha uma compreensão solidária do que está acontecendo e uma ajuda mútua. Esse é o exemplo que estamos vendo aqui.

Já falei, talvez, demais, mas queria deixar aqui registrado, a seu lado, Vavá, de todos seus companheiros e companheiras, o meu testemunho como uma pessoa que, como cidadão, há muitos e muitos anos, acompanha esses problemas de reforma agrária. Sei das coisas. Sei das dificuldades. E, agora, como presidente, sou, por isso mesmo, obrigado a fazer mais e mais para que as coisas avancem.

Muito obrigado.

